

Capítulo 5

ITAMAR E SILVANA
FERRIGO

agosto, 2019

VOZES DA
AGRICULTURA
ecológica II

Laércio Meirelles





Itamar e Silvana

agosto, 2019

FERRIGO



Contar a história do casal Itamar e Silvana Ferrigo não é descrever agricultores familiares que produziam de forma tradicional, entraram pelo mundo dos agrotóxicos e, depois, optaram por fazer uma transição rumo à Agricultura Ecológica. Sendo naturais de Caxias do Sul e tendo nascido no início dos anos 60, poderia até ser. Mas não é. A história do Itamar é a de alguém que, desde a adolescência, sentiu-se deslocado no espaço, mas não fez disso motivo de reclamação por toda a vida. Não passou suas décadas trabalhando no que não gostava, para poder angariar as condições materiais para ir ao imaginado paraíso. Antes, é a história de quem definiu para onde gostaria de ir, desenhou seu sonho e, aos 30 anos, colocou em prática, trocando o conforto material que uma bem sucedida empresa propiciava, por uma aventura rural, tornando-se produtor ecológico. Logo no início dessa jornada, encontrou a Silvana:

*- Eu, de certa forma, entrei no sonho do Ita.
E não me arrependo, de jeito nenhum.*

A história que eu queria contar, já contei.

Agora vamos aos detalhes.

Itamar nasceu em 1961, na cidade de Caxias do Sul. Mas, sendo a família de origem italiana, as férias eram na casa da nona, já que os avós trabalhavam como agregados, cuidando de terras alheias e ganhando o direito de cultivar para a própria subsistência. Estas cenas da infância, férias na área rural, plantios e colheitas, bichos soltos e frutas frescas ficaram gravadas na sua memória. Quem sabe o sonho não começou a se formatar ali? Provável que sim, pois na adolescência seguiu sentindo esse prazer com atividades agrícolas, trabalhando na horta dos fundos da casa e, posteriormente, fazendo mudas de araucária, para serem plantadas em uma terra que o pai comprou, em 1981, no município de Antônio Prado.

A experiência com a terra não foi bem sucedida, o pai acabou vendendo, mas esse contato com o rural ficou marcado.

Itamar relata outro elemento que contribuiu muito para ativar nele o desejo, que se mostrou irrefreável, de vincular-se ao rural. A música. Sim, a música. Nunca sabemos de onde vêm os sinais, mas é bom estarmos atentos para ouvir. Itamar ouviu, de um lugar inusitado: o quartel! Naquela época, o serviço militar era obrigatório. Ficou muito contrariado, indignado em cumprir uma obrigação que não considerava justa. Recordar-se que, em meio a essa revolta, em 1980, acompanhou de longe a 10ª Califórnia da Canção Nativa¹, com um amigo que servia junto com ele. Essa edição foi considerada especial e, algumas das letras, muito vinculadas as lides do campo, o emocionavam às lágrimas.



¹ A Califórnia da Canção Nativa é um evento que existe desde 1971, uma espécie de festival da música regional gaúcha. As finais ocorrem em Uruguaiana, RS.

Ele faz questão de colocar um das músicas que mais o marcou para escutarmos, a mesma que tanto o emocionou em 1981. A canção é “Lições da Terra”, de Carlos Leandro Cachoeira. Parte da letra diz:

“...tem muita gente que é mais árida que a terra, quando te explora, te expulsa e te maltrata. E a terra bruta, como o homem, não se entrega, e vai um dia se vingar de quem a mata...”

Seus olhos contam que essa música segue emocionando-o. Há coisas que o tempo não apaga.

- Acabei indo para Uruguaiana ver a Califórnia de 1981. As canções me tocavam e reafirmavam minha aproximação com a terra. Eu ouvia músicas nativas, andinas, meu irmão AC-DC...

Um jovem ensimesmado que, em vez de sair à noite, ficava em casa ouvindo essas músicas, queria ajudar os outros, frequentava a Igreja e amava a terra... Com tudo isso, sua mãe viu que seu destino estava traçado: em 1982, levou o filho para conhecer, quem sabe estudar, em um seminário.

Não ficou, ser Padre não era seu destino. Esse parece que estava traçado. E era outro. Nesse mesmo ano, Itamar recebe de um amigo certo material sobre um congresso de agricultura orgânica que havia ocorrido em Curitiba. Ele não possui mais esse material, mas posso apostar que se refere ao I EBAA - Encontro Brasileiro de Agricultura Alternativa², que ocorreu exatamente em Curitiba, em 1981.

No mesmo ano em que sua mãe tentou fazer dele um Padre,



² EBAA – Encontro Brasileiro de Agricultura Alternativa – Eventos marcantes na história da Agricultura Ecológica no país, foram realizados em Curitiba – 1981, Petrópolis – 1984, Cuiabá – 1987, Porto Alegre - 1989. Pessoalmente, estive nos dois últimos, o primeiro como estudante, o segundo já trabalhando no Centro Ecológico, então CAE – Ipê.

Itamar conheceu Silvana. Sim, seu destino estava traçado. Pergunto como foi:

- Na rua, voltando da universidade, eu fazia Ciências Contábeis. Queria fazer Agronomia na Ufrgs, mas não passei. Olhei uma morena linda, entrando na casa dela. Éramos praticamente vizinhos, mas não nos conhecíamos. Nem puxei assunto, mas fiquei ligado.

Já que esse não é um conto de amor, ainda que seja um conto de puro amor, vou resumir: o namoro começou dois meses depois, o casamento veio no ano seguinte.

Concomitante ao namoro, o crescente interesse pela agricultura. Trabalhava em uma empresa e parte do seu modesto salário era para comprar livros da área. Um dos primeiros foi “Manejo Ecológico do Solo”, da Ana Primavesi. Começou bem, considero o melhor livro da nossa área.

- Era caro, lembro que fiz um carnê para pagar!

Por alguns anos a vida seguiu. Trabalho, casamento, filho. Israel nasceu em 1984. O sonho de ir para a terra um pouco de lado, mas ali, vivo.

Volto um pouco no tempo para saber mais da Silvana. Quero ouvi-la. Ela comenta que era ressabiada com a ideia de ir para a terra. E não sem razão. Sua mãe havia trabalhado colhendo lúpulo, em Gramado, muitas vezes no frio e até na chuva. Ficou doente e com o pulmão comprometido. Seu pai havia, também, apostado no desejo de ter uma terra, vendeu uma boa casa na cidade e comprou uma propriedade. Deu errado, faliu. Silvana tinha 12 anos quando voltaram para viver em Caxias do Sul, morando quase de favor em uma casa muito simples, em um bairro muito difícil. Com 14 anos teve que começar a trabalhar. Usava metade do salário para colaborar no aluguel da casa e mais um pouco ela dava ao pai, era necessário para comprar comida. O estudo foi para o turno da noite. Chegava naquele bairro, tarde, de ônibus, precisava caminhar até sua casa, recorda-se de sentir muito medo. Percebo que não são

lembranças muito agradáveis.

- Com tudo isso, ir para uma terra não era o sonho da minha vida. Por outro lado, eu gostava das coisas simples e também tinha desejo de fazer um trabalho comunitário. Cheguei a procurar minha ex-escola, que era de freiras, só para ajudar a cuidar das crianças.

Ela segue:

- Minha vida não era tão fácil. Acho que por essas dificuldade não tinha nem tempo para ter um sonho. Quando conheci o Ita, entre outras coisas, chamou minha atenção essa parte dele ter esses sonhos. Me pareceram agradáveis.

Ouço e imagino. Itamar navegando na nuvem onde armazenava seus sonhos, compartilha um arquivo para a morena que chamou sua atenção. Silvana clica no link. É aceita na comunidade, que agora passa a ter dois membros. Itamar comenta:

- Acho que um dos motivos deu namorar a Silvana foi ela aceitar bem a ideia de ir para terra.

Pronto, sonho compartilhado, agora os dois buscavam a mesma coisa, o mesmo lugar.

Como comentamos, Israel nasceu em 1984. Nesse mesmo ano, Itamar e o irmão Ricardo, o Kadu, montaram um trailer para vender hambúrgueres, o Kadu Lanches. O negócio foi bem. No ano seguinte ele abre uma lanchonete, dessa vez com outro sócio. Irrequieto, deixa o trailer com o irmão e vende a lanchonete, por um valor razoável.

O sonho não deixava Itamar se acomodar nem com o sucesso:

- Precisava de dinheiro para comprar a terra. Fiquei três meses em casa, pensando. Recordo que dizia: Silvana, vou achar alguma coisa para fazermos!

Sua experiência de comerciante dizia que deveria buscar um negócio que necessitasse de pouco ou nenhum capital de giro. Depois de muito pensar, definiu, iria montar uma indústria de jato de areia,

ideia que veio de alguns trabalhos que havia feito nessa área.

Dinheiro? Não tinha, mas tinha o objetivo.

Silvana fazia brigadeiro em casa e Itamar entregava pães, de 6 horas da manhã às 8 da noite. Isso enquanto já construíam o pavilhão da empresa, em terreno doado pelo pai, que era também seu mestre de obras. O tio, seu sócio, junto com outros irmãos, os pedreiros. Ele conta, sorrindo:

- Para economizar, meu pai usava 10:1 de relação areia/cimento, em vez de 4:1. Quando pronto, podíamos descascar a parede com os dedos!

Em 1986, nasce a Sara, segunda filha. Também em 1986 fica pronto o pavilhão, a indústria começa suas operações. Nos anos seguintes, a vida começa a fazer-se, ao menos financeiramente, mais tranquila, o negócio foi bem sucedido. Pela primeira vez, acumularam recursos. Viviam com um pouco mais de conforto, compraram terrenos na cidade.

Mas existia um vazio, algo ainda não alcançado.

- Laércio, nessa época começamos a buscar um caminho de desenvolvimento espiritual. Conhecemos o Seicho-no-ie, a Projeciologia, o Espiritismo, a Umbanda. Tentei de tudo! Junto com outros amigos, nessa mesma busca, montamos um grupo de estudos, o Sementes do Amanhã!

Em 1990, o grupo Sementes do Amanhã resolve acampar. Foram ao Malacara, um lindo cânion, parte do Parque Nacional da Serra Geral, no município de Cambará do Sul. Lá do alto, fizeram uma espécie de ritual. Melhor deixar Itamar contar:

- Sentei em uma pedra e imaginei que uma energia cósmica, dourada, entrava no meu coronário, saía pelo frontal e essa energia batia nos paredões do Malacara. Essa cena durou um pouco, eu fiquei em uma espécie de transe.

Outra vez Itamar se emociona ao lembrar de uma cena do seu passado. Naquele momento, em êxtase, viu o vale todo dourado.

Quando terminou esse ritual, que durou algum tempo, apontou um local com o dedo e disse aos amigos:

- *Está vendo aquele lugar lá embaixo? Se um dia eu puder comprar uma terra, será aquela.*

Acabou sendo.

Fim do ritual, o êxtase se desfez, os cinco amigos foram conversar outros assuntos, fazer churrasco.

Vida que segue. Os estudos no grupo Sementes do Amanhã parece que diziam a Itamar que era a hora... Mas os anos passavam...

Em 1993, estáveis economicamente, certos recursos guardados, a vida seguia serena em Caxias do Sul. Serena se vista por outros, a inquietação do Itamar não havia passado.

Era hora, foram procurar uma terra para comprar.

Andaram pela Serra Gaúcha, em cidades como Gramado e Nova Petrópolis. Em Terra de Areia, no Litoral Norte do RS e Sombrio, Sul de SC. Nada! Resolveram ir à Praia Grande, também no Sul de SC, município hoje conhecido como Cidade dos Cânions. Viram várias propriedades, mas quando chegaram na que hoje moram, Itamar olhou para cima, viu o Malacara. Fez as contas, traçou o mapa e não teve dúvidas: era a terra que havia apontado com o dedo alguns anos antes:

- *Pensei: achei, é aqui. Até hoje não sei se fui eu que escolhi essa terra ou se foi ela que me escolheu.*

Ele segue:

- Não te contei que, em 1981, com o Rudimar Moz, o mesmo amigo que me entregou os documentos da agricultura orgânica e com quem fui a Uruguaiana, descii o Itaimbezinho. E passei por essas mesmas terras. Era ou não era para vir para cá?

O Itaimbezinho é um Cânion do mesmo complexo do Malacara, situado no Parque Nacional de Aparados da Serra.

A terra foi comprada pela indústria. Em 1994, a família muda-se definitivamente para a propriedade, mas Itamar seguia

sócio da empresa, que bancava os investimentos necessários. De qualquer modo, o desejo de ter sua terra estava, ao menos em parte, concretizado. Agora era colocar a mão na massa, assumir as tarefas cotidianas de um agricultor.

Por tudo que havia visto e lido antes, Itamar já possuía o interesse de trabalhar nos princípios ecológicos. Por uma dessas coincidências da vida, logo depois de adquirir a terra, folheando as páginas de um jornal, encontrou uma matéria sobre o Centro Ecológico. Telefonou, buscou informações. Soube da atuação da ONG no Litoral Norte do Rio Grande do Sul. Em Praia Grande, procurou a Epagri, empresa estadual de extensão rural e assistência técnica, encontrou profissionais dispostos a colaborar com ele nesse desejo da produção orgânica. Foi colhendo informações e aplicando na sua área, desde o início, manejada com o que hoje muitos denominam enfoque agroecológico.

No dia 4 de outubro de 1994, inspirados na Acert – Associação dos Colonos Ecologistas da Região de Torres, fundam, em conjunto com outras famílias agricultoras, a Acevam – Associação dos Colonos Ecologistas do Vale do Mampituba, uma das pioneiras na produção ecológica em Santa Catarina.

Conheci Itamar em 1994, em uma visita que a Epagri, de Praia Grande, organizou ao Centro Ecológico em Ipê, onde morei de 1988 a 1999. Acompanhei sempre a Acevam de perto, fui muitas vezes à sua propriedade, bem como de outros sócios.

Itamar sempre valorizou muito a possibilidade de ter uva e banana, cana e pêssego na mesma propriedade. Essas e várias outras culturas ele plantou, mas a verdade é que não conseguiu o resultado imaginado. Por mais que algo soubesse, talvez não tenha avaliado com precisão as dificuldades inerentes à agricultura. Cuidar de uma horta caseira ou fazer mudas de araucária não é o mesmo que conduzir uma propriedade. Foram anos difíceis.

Mas quem disse que esse casal gosta das coisas fáceis?

Seguiram no árduo trabalho, nunca abandonando os princípios da Agricultura Ecológica. O casal sempre foi liderança na Acevam, atuante na organização do grupo e na busca por estratégias de comercialização. Aliás, não foram poucas as dificuldades que enfrentaram nesse campo. Uma das primeiras iniciativas para escoar a produção do grupo, foi montar uma loja na própria cidade de Praia Grande. Não deu tão certo, cidade pequena, a demanda ainda não era grande por produtos orgânicos, a oferta tampouco. Alguns meses depois, fecharam com certo prejuízo. Montaram uma feira em Criciúma, com apoio da Universidade Estadual, deu certo no início, para depois de pouco tempo, parar de funcionar por falta de produtos, demanda oscilante e altos custos de transporte. O mesmo ocorreu com uma feira que iniciaram em Cambará do Sul. Tudo isso ainda nos anos 1990.

Mas, mesmo com essas e outras dificuldades, sentiam-se bem onde estavam, mais localizados no mundo, em um espaço que sempre desejaram ocupar.

Pois não é que Itamar seguia incomodado? Havia conquistado a sonhada propriedade, vivia na terra e plantava. Mas mantinha a empresa. Sentia-se, ainda, vinculado a uma vida que não era a que almejava. Precisava cortar o cordão umbilical, o que, obviamente, não era uma tarefa tão fácil.

A decisão final, deixar a sociedade, viver de fato a vida de agricultor, saber que essa seria sua única fonte de renda, demorou uns anos a ser tomada. Veio em 1998:

- Laércio, naquela época fiz um curso de Espiritualidade e Maturidade. Durante o curso, me perguntava se era maduro suficiente para deixar um negócio capitalista e montar uma propriedade. Eu tinha total noção do desafio. Esse curso me ensinou algo que uso até hoje, que o máximo que poderia me acontecer era morrer. Isso me tranquilizou...

Vendeu a empresa ao sócio.

Agora, sentiam-se, de fato, vivendo do que a propriedade poderia produzir. Fizeram de tudo. O desafio era manter uma renda razoável, estavam acostumados com um certo padrão de consumo que, naquela época, não era o usual na agricultura familiar. Ao mesmo tempo, Itamar seguia sua preocupação de não querer integrar-se totalmente ao “sistema”, sintetizado por ele próprio como “capitalista”. Equação de difícil resolução. Acho mesmo que cada um que busque a sua, as soluções aqui são customizadas. Itamar e Silvana estão tentando.

Fizeram de tudo. Sempre que puderam, margearam a legalidade, como parte do plano de fugir do “sistema”. Criaram frangos de corte, chegaram a ter 5 mil frangos engordando, mas, por não terem um abatedouro legalizado, em um não tão belo dia foram pegos pela fiscalização. Tiveram uma panificação, por 4 anos Silvana dedicou-se com afinco a fazer pães, granola, biscoitos, bolo de banana. Outra batalha perdida para o dito sistema, a fiscalização pegou-os, tiveram que deixar a atividade.

- Para legalizar, tem que ter volume para justificar o investimento, e nós não queremos volumes, se faço assim, corro o risco de ganhar muito dinheiro, sinto-me outra vez capturado...

Claro que cada situação dessas, serem pegos pela fiscalização, significa uma perda de renda, novas frustrações. Dúvidas e dívidas ressurgem. Os filhos estavam crescendo, preocupava muito o casal o receio de não ter recursos para permitir que eles fizessem uma faculdade em Porto Alegre ou Florianópolis, de não dar ao Israel e à Sara essa oportunidade que eles não tiveram. Itamar conta:

- Um dia, eu estava muito mal. Aperto financeiro grande. Deitei na cama e fiquei pensando. Tive uma espécie de sonho-pensamento, quando veio à minha mente a pergunta: por que eu estava mal? Tinha terra, água, ar, sol, (vocês do Centro Ecológico sempre falaram muito da agricultura de sol). E que estava morando ao redor de Parques Nacionais, tendo 6 mil hectares de jardins...

Com tudo isso, estava mal só por não ter dinheiro? Que maturidade espiritual era essa minha?

Ouçó Itamar e estendo sua pergunta a mim, ousadamente, estendo a quem nos lê... Essa reflexão sempre pode ser útil...

A trajetória deles envolve, também, muita militância. Além da ACEVAM, Itamar envolveu-se na política partidária, foi Secretário da Saúde e vice-prefeito do município entre 2005 e 2008, depois trabalhou para o Ministério do Desenvolvimento Agrário, como Agente de Desenvolvimento Econômico.

- Foi interessante, e não posso negar que também colaborou para equilibrar a renda em um momento crítico. Mas estou cada vez mais voltado à propriedade, não penso em voltar para a política ou para o serviço público.

A militância da Silvana deu-se mais ao redor da Rede Ecovida de Agroecologia. Por cinco anos foi uma das coordenadoras da Rede, o que exigiu muitas viagens e dedicação. Gosta de recordar desse momento:

- A Rede foi um presente para mim, do ponto de vista pessoal veio em um momento especial, havia perdido minha mãe e meu pai. Politicamente cresci muito nesses 5 anos, de 2003 a 2007, acho que entendi melhor tudo o que fazíamos.

Ando com Itamar pela propriedade e vejo que está muito bonita. São 45 hectares, 40 de mato, em Sistemas Agroflorestais (SAFs). Neles estão espalhadas mais de 30 espécies de frutas entre nativas e exóticas. Dentre outras, vejo abacate, mamão, bananas, carambola, jabuticaba e café. E muitas palmeiras Juçara. Ele sempre gostou de plantar essa espécie, hoje tem 10 mil plantas. Ano passado, vendeu uma tonelada de frutos de Juçara.

- Não tem uma época do ano que não tenhamos seis ou sete frutas.

Vinte e cinco anos depois de chegarem, Itamar considera que agora a área está mais organizada:

- Começamos do zero, aprendemos na própria carne que demora décadas para estruturar bem uma propriedade.

Seguem com pêssego, tem pitaia e uma bonita horta, para consumo, vendem só o excedente. Ainda criam um pouco de galinhas, para corte e ovos. Na verdade, possuem vários animais. Mistura seu desejo de diversificar a propriedade e ter opções de alimentação, acrescido de dar diversão aos dois netos e o resultado é que vejo pela propriedade faisões, patos, garnisés, coelhos, codornas, ovelhas, porcos e gado. Como bom descendente de imigrantes italianos, não abre mão de fazer salame e copa.

- Aprendi a fazer tudo isso com vizinhos, agora dou conta sozinho. Começo a perceber em mim certo receio de matar uns bichos. Vou acabar virando vegetariano, porque acho que, se não tenho coragem de abater um animal, perco o direito de comer sua carne.

Vejo muitos quebra-ventos, que Itamar considera um componente indispensável em uma propriedade na região. Eu também, pena que vejo pouca determinação do agricultores com essa prática. Ele gosta de pensar na ideia de quebra-ventos de cunho econômico, por isso usa café, juçara e grevilha (*Grevillea robusta*).

O desenho diversificado da propriedade coaduna-se com os mercados que possuem. Vendem um pouco na própria cidade. Entregam, também, nas cooperativas de consumidores da região – Ecotorres³ e Coopet⁴. Tudo muito bem pensado. Itamar comenta:

- Quero ter diversidade e vender o mais próximo possível – é a diversidade e o mercado local que me darão essa liberdade de



³ Cooperativa de Consumidores de Produtos Ecológicos de Torres – RS.

⁴ Cooperativa de Consumidores de Produtos Ecológicos Três Cachoeiras – RS.

estar fora dos grandes esquemas.

Sim, o desejo de não corroborar com a exploração que ele percebe na dinâmica capitalista, exploração de si próprio, do outro e da natureza, segue movendo Itamar.

Olho para a linda propriedade deles, as altas montanhas dos parques que a circundam, imponentes, como guardando toda a região. Vejo Silvana brincando com os dois netos, Theo e Lívia, 8 e 4 anos, filhos do Israel e da Natália. Sara, a caçula, vive agora em porto Alegre, cursou agronomia, fez mestrado e agora está terminado doutorado em Tecnologia Ambiental e Recursos Hídricos. Sempre que pode, vem com o marido visitar os pais. Pergunto se ela faria tudo de novo:

- Claro que faria! O padrão material que poderíamos ter tido se ficassemos em Caxias do Sul não me faz querer voltar e seguir aquele caminho. Escolhi vir para cá. Não foi fácil, mas não me arrependo de jeito nenhum. Voltar para Caxias e viver lá? Não. Se for para viver uma nova aventura, não será em Caxias.

Itamar complementa:

- A vida lá seria mais rica financeiramente. Laércio, sabe quando foi a gota d'água para eu sair de Caxias? Quando abri a porta da empresa e me deu ânsia de vômito. Se, algum dia, eu acordar e não tiver vontade de trabalhar aqui, vamos mudar. Mas não chegou nesse ponto, estou cheio de planos.

Itamar e Silvana visualizaram e montaram seu paraíso, sentem-se em um paraíso. Tirou meu chapéu para quem tem essa capacidade. Ele comenta:

- Esses dias estava no pomar de pêsego com a Lívia. Ela colhia pêsegos e comia no pé. Quanto vale isso?

Não posso deixar de registrar que essa propriedade sempre foi uma referência na produção ecológica na região e no Estado. Receberam um sem número de visitas, estudantes, agricultores, técnicos que passaram por ela e, a partir dessas visitas, motivaram-

se a desenvolver trabalhos semelhantes.

O casal concorda que a parte mais difícil já passou, não tem mais como negarem que deu certo a aposta que fizeram. Agora, sentem-se com mais informações para produzir orgânico, mais experiência, mercado muito mais estruturado.

- Hoje o mercado está muito melhor, no início não foi fácil. Mas não posso plantar muito, tenho até receio de bombar muito na produção, vender muito bem, ganhar grana e pronto, já estarei mergulhado outra vez no esquema que decidi sair.

Está nos planos montarem uma loja de produtos orgânicos em Praia Grande. Já comentamos que fizeram isso, como Acevam, em 1995. Anos mais tarde, Silvana se responsabilizou pela Coopervida, uma Cooperativa de Consumidores de Produtos Ecológicos de Praia Grande, de 2001 a 2003. As duas iniciativas não vingaram, mas eles avaliam que o momento é outro, tanto na produção quanto no consumo. O desejo agora é ter um negócio próprio. Itamar avalia que as decisões coletivas podem ser muito lentas para enfrentar a rapidez da comercialização, põe, também, esse fator na conta dos dois fracassos anteriores.

Para realizar esses sonhos, encontraram uma forma de aumentar a renda familiar. Nos meses de verão, o casal e o filho, Israel, vão trabalhar em uma praia relativamente próxima, no litoral gaúcho, chamada Curumin. Em um restaurante dos irmãos do Itamar, O Daniel e o Ricardo. Sim, o mesmo Kadu com quem Itamar montou o Kadu Lanches em 1985. Qual o nome do restaurante? Kadu Lanches. O mundo é ou não é redondo?

E aí, Itamar, cansou?

- Não!!! Nunca consegui me adaptar ao sistema. Saí da empresa porque estava preso ao capital, queria me libertar. Sigo sentindo-me preso, sigo querendo me libertar. Agora quero ser independente energeticamente, além de não depender do comércio convencional.

Sim, seguem cheios de planos. Já comentamos da loja de produtos orgânicos. Mas tem outros. Israel é Engenheiro de Aquicultura, formado na Universidade Federal de Santa Catarina, Itamar ainda tem vontade de fazer da produção de peixes da propriedade, a cargo do Israel, uma produção orgânica, buscando como contornar o problema da alimentação. São 15 mil metros quadrados de açudes. Outro plano, como acabamos de ouvir, é ser independente em energia, para isso quer usar o sol e o vento, ter uma micro usina de álcool. Itamar complementa:

- Ainda tenho muitos sonhos por realizar Com a idade, talvez, ainda me conformarei que nem todos se realizarão. Mas ainda não me conformei...

E arremata:

- No astral está tudo pronto, só falta eu colocar em prática.

Ouvindo a história do Itamar e da Silvana, quem se atreve a duvidar?

